

REALISMO EM *OS SUPRIDORES*: UMA INTERPRETAÇÃO LUKACSIANA DA REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE

REALISM IN *OS SUPRIDORES*: A LUKACSIAN INTERPRETATION OF THE REPRESENTATION OF REALITY

DOSSIÊ: O REALISMO E SUA ATUALIDADE

25 anos de Crítica Dialética na UnB



ORGANIZADORES:

Alexandre Pilati



Deane de Castro e Costa



Martín Ignacio Koval



CERRADOS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM

v. 34, n. 68, ago. 2025

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i68.57620

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 27/03/2025

Aceito em: 06/06/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Letícia de Araújo Bernardes  

UFG | leticiabernards@discente.ufg.br

Yvonélio Nery Ferreira  

UFG | yvonelioferreira@ufg.br

Resumo / Abstract

A verdadeira literatura, para Lukács, se configura quando a representação da realidade está posta de tal forma que é possível compreender a essência humana e chegar à consciência crítica em relação à lógica de organização do mundo. Essa relação se apresenta quando o romance utiliza de um método literário específico, o realista, articulando dois aspectos principais: a tipicidade dos personagens e o método narrativo sob o primado da ação. Diante disso, este trabalho tem o objetivo de desenvolver um exercício de interpretação do realismo lukácsiano a partir da leitura do romance brasileiro contemporâneo *Os supridores*, de José Falero (2020). Para isso, portanto, focalizamos a análise na composição do personagem Pedro e na leitura de mundo proporcionada pela narração desta história. Partimos de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, embasando a análise, principalmente, em Lukács (1965) e em pesquisadores que revisam e interpretam os conceitos deste teórico (Bordini, 2003; Braga, 2018; Frederico, 2013; Perrone, 2003). Por fim, esperamos que a análise contribua para uma reflexão inicial a respeito da percepção do realismo nesse romance, que colabora para a emancipação crítica de seu leitor na medida em que representa, com verossimilhança, vivências sociais que exprimem violência, exploração no trabalho e exclusão social.

Palavras-chave: Realismo, Gyorgy Lukács, *Os supridores*, José Falero.

For Lukács, true literature takes shape when the representation of reality is set up in such a way that it is possible to understand the human essence and reach critical awareness in relation to the logic of the organization of the world. This relationship emerges when the novel uses a specific literary method, the realist, articulating two main aspects: the typicality of the characters and the narrative method under the primacy of action. Taking this into consideration, this paper aims to develop an exercise of interpreting Lukácsian realism based on a reading of the contemporary Brazilian novel *Os supridores*, by José Falero (2020). Therefore, we focus our analysis on the composition of the character Pedro and the reading of the world provided by the narration of this story. The methodology used was qualitative bibliographical research, basing the analysis mainly on Lukács (1965) and researchers who review and interpret the concepts of this theorist (Bordini, 2003; Braga, 2018; Frederico, 2013; Perrone, 2003). Finally, we hope that the analysis contributes to an initial reflection on the perception of realism in this novel, which contributes to the critical emancipation of its reader as it represents, with verisimilitude, social experiences that express violence, exploitation at work and social exclusion. — drawing on Adorno and Benjamin — how such procedures and their object of representation (the human) also articulate something about the transforming world that shapes these very subjects — both the represented and the artist.

Keywords: Realism, Gyorgy Lukács, *Os supridores*, José Falero.

INTRODUÇÃO

Mais do que um objeto de fruição, um retrato do mundo ou uma ferramenta de expressão, a verdadeira arte, para o filósofo e crítico literário húngaro, Gyorgy Lukács (1965, p. 69), figura enquanto um modo de representação da realidade social que possibilita ao ser humano vislumbrar e entender a sua própria essência. Sendo a literatura uma das manifestações artísticas mais ressaltadas por Lukács, este se dedicou a identificar como se estabelece, nesta forma de arte, o seu caráter antropomorfizador e concluiu que isso se configura por meio do realismo.

Vale ressaltar que, aqui e em Lukács, não nos referimos ao realismo enquanto escola literária ou movimento artístico de meados do século XIX, preocupado em representar a realidade por um olhar crítico à sociedade (Bosi, 2000, p. 173). Ainda que este se assemelhe à ideia do filósofo, sua concepção já se coloca enquanto um método de produzir arte, com condições específicas para sua manifestação, como a tipicidade do personagem e a preferência pela narração em detrimento da descrição. Logo, o realismo lukacsiano não se limita à representação social, mas possui elementos característicos que compõem a obra realista e consolidam seu caráter antropomorfizador.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo realizar um exercício analítico que articule conceitos de Lukács em relação ao realismo por meio da análise do romance *Os supridores*, de José Falero (2020). Nesta obra brasileira contemporânea, nos deparamos com a vida de Pedro e de Marques enquanto trabalhadores explorados e subalternizados. Eles ocupam o cargo de supridores de supermercado e precisam extrapolar seu horário e suas atribuições no serviço, com pouco retorno financeiro em compensação. Sem perspectivas de crescimento onde estão, Pedro vê uma oportunidade na venda de maconha, já que sua cidade enfrenta uma seca de traficantes da erva, ainda que a procura por ela por parte dos consumidores não houvesse diminuído. Com isso, os rapazes iniciam seu esquema de tráfico da maneira mais cuidadosa possível e logo começam a notar o retorno positivo para as suas vidas e para as vidas de outros colegas que aderem ao esquema, porém a tranquilidade deles na criminalidade tem um prazo para acabar.

Nesse romance, então, nos deparamos com uma representação bastante verossímil do que passam muitos brasileiros da periferia diante da dificuldade (ou impossibilidade) de ascensão social. Para progredir com a análise na perspectiva que pretendemos, desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica e de caráter qualitativo, articulando não só o próprio Lukács (1965), como também, principalmente, pesquisadores que se preocupam em estudá-lo e interpretá-lo, como Braga (2018), Frederico (2013), Bordini (2003) e Perrone (2003), para complementar a leitura e compreensão dos conceitos lukacsianos, bem como para fundamentar a análise crítica do objeto literário escolhido.

Nesse viés, para cumprir o objetivo geral proposto, pretendemos voltar a análise para as características da personagem principal do romance, Pedro, no viés da tipicidade, além de buscarmos destacar momentos da narrativa que realçam o caráter humanizador de tal obra. Esperamos, com isso, avaliar se ela pode ser entendida como realista pela ótica lukacsiana.

Posto isso, este trabalho se divide em seções: em um primeiro momento desenvolvemos a recapitulação e o aprofundamento de alguns conceitos de Lukács que caracterizam o realismo na literatura. Em seguida, partimos para a análise de *Os supridores*, com dois pontos focais: a perspectiva de Pedro enquanto um personagem típico e a leitura do ser-assim das coisas e das contradições humanas por meio dos acontecimentos da narrativa. Por fim, apresentamos as considerações finais em relação à análise desenvolvida, que direciona para o início de uma perspectiva de leitura do romance selecionado, a qual não se esgota somente com este artigo.

REALISMO: UM MÉTODO HUMANIZADOR

Como introduzimos, para Lukács, a arte realista figura como uma forma de representação do mundo que permite ao ser humano entender a totalidade humana, compreendendo a verdade sobre a sociedade. É importante, inicialmente, que façamos um recorte sobre a escolha da palavra “representação” para alcançar com maior precisão o que o teórico apresenta como definição, em vez de adotar o que poderia ser considerado sinônimo, como “retrato” ou “imitação”. Ora, partindo da ideia de alcançar a essência da humanidade, estas outras expressões não contemplam a mesma amplitude que a primeira, pois retratos ou imitações nos permitem ver apenas uma superfície, não o que está mais aprofundadamente colocado. Conforme Perrone (2003, p. 28, grifo nosso), “se o reflexo é sempre a representação de algo real, daí se segue, para Lukács, a ideia da *arte como a representação da essência* do homem

e da humanidade”. Portanto, o que o teórico indica como verdadeira arte está alocado na concepção de se inserir o ser humano no mundo por meio da compreensão de sua própria realidade.

Isso não implica, porém, em ignorar a realidade objetiva, mas sim em atrelar o concreto à profundidade da consciência. Por isso,

A utopia de Lukács é a de que a arte literária devolveria ao público a imagem de si mesmo dentro da luta de classes, trabalhada pela fantasia que reconstitui as nuances da vida vivida num quadro mais nítido do que o da existência em si, porque mostra os conflitos e não os esconde sob o véu da ideologia alienante. A obra literária faria, ao restituir, na totalidade interna do texto, a racionalidade da História, o trabalho de desalienação, requisito essencial para a tomada de posição dos leitores e sua reação à reificação e nulificação capitalistas. (Bordini, 2003, p. 59)

Nesse âmbito, a relação entre o aparente no mundo e o subjetivo da consciência é estabelecida no romance realista, e é o que faz com que o ser humano assimile e concretize sua compreensão por meio da leitura. Logo, a junção entre essência e aparência, entre a forma e o conteúdo, é o que faz com que a obra de arte alcance a totalidade. Ao oferecer uma visão do mundo que escancara sua lógica de exclusão, que permite visualizar os pormenores das relações sociais e que desmembra as implicações do capitalismo, o romance realista desperta a consciência crítica do sujeito leitor.

Guiado pela ótica marxista, Lukács interpreta o trabalho como desantropomorfizador (Braga, 2018, p. 49), isto é, este faz com que o ser humano perca a sua humanidade, bem como deixe de vê-la no outro, de modo que se abre espaço para a exploração, por exemplo. Este processo de reificação faz parte da lógica capitalista, e é o que a arte consegue combater. Nesse viés, “enquanto o mundo da mercantilização tende a transformar todas as coisas em mercadorias – a terra, a natureza, o lazer, a cultura, o tempo do homem e às vezes o próprio homem – a arte, especificamente a arte realista, resiste a essa tendência” (Braga, 2018, p. 49). É assim que o trabalho com a arte, então, alcança seu caráter antropomorfizador, em oposição ao trabalho capitalista.

Entendemos até aqui, portanto, o que o romance realista causa, mas para além de seus efeitos, também interessou a Lukács apontar o que o constitui. Desse modo, o teórico elencou aparatos estéticos fundamentais para que um romance seja percebido enquanto realista, entre os quais há um foco em dois aspectos principais: a tipicidade do personagem e o método narrativo (Frederico, 2013, p. 105).

Inicialmente, detemo-nos no personagem típico. Partindo da ótica dialética marxista, o típico é “um *exemplar* que exprime com a máxima clareza a verdade de sua *espécie*. Ele é um ser específico, *singular*, que, ao mesmo tempo, concentra as tendências mais essenciais da espécie (*universal*) em questão” (Frederico, 2013, p. 106). Esse intermédio entre o singular e o universal é o que irá nos guiar para pensar a tipicidade, e vale aqui ressaltar também uma diferença marcante entre o personagem típico e o tipo. Este último, na teoria da literatura, é atrelado à representação caricata de um tipo social, de modo que não apresenta suas particularidades enquanto indivíduo, é um personagem generalizado e levado ao extremo (Moisés, 2006); ao passo que o personagem típico proposto por Lukács já terá suas particularidades e, ainda assim, representará uma categoria social.

Nesse âmbito, o personagem típico apresenta tanto uma caracterização individual, com gostos e costumes próprios, quanto uma representação coletiva, de um grupo específico e identificável no meio social. É essa junção entre o singular e o universal em um personagem que o torna convincente em uma narrativa realista, pois assim o leitor pode identificar a si ou ao outro em alguma figura literária, ao mesmo tempo em que a vê como um ser único do universo daquele romance.

Por outro lado, o método narrativo também é fundamental para que o romance seja visto enquanto realista. Em “Narrar ou descrever”, Lukács (1965, p. 43) faz uma comparação precisa entre *Nana*, de Zola (2013), e *Anna Kariênina*, de Tolstói (2021), contrapondo uma cena em comum – uma corrida de cavalos –, mas apresentada de forma contrastante. No primeiro romance, há uma mera descrição da corrida, ao passo que em Tolstói o método narrativo é explorado ao fazer com que as ações humanas estejam interligadas ao andamento da corrida, isto é, os acontecimentos desta interferem diretamente no curso da história narrada.

Assim, parte-se do primado da ação, isto é, os acontecimentos de uma narrativa se desenrolam a partir das ações, reproduzindo os destinos humanos como no mundo concreto. Com essa ideia do romance enquanto um processo (Frederico, 2013, p. 110), a obra possibilita que o leitor entenda o “ser-assim” das coisas, ou seja, as implicações sociais, culturais, econômicas, políticas e outras que fazem com que o mundo funcione de determinada forma. O método descritivo, para Lukács (1965, p. 83), não é capaz de exprimir essa essência, uma vez que os escritores que o adotam “registram sem combater os resultados ‘acabados’, as formas constituídas da realidade capitalista, fixando-lhe somente os efeitos, mas não o caráter histórico-conflitivo, a luta de forças opostas”. Portanto, o método descritivo preocupa-se com uma superfície, ao passo que o narrativo aprofunda a capacidade crítica do leitor.

Além disso, figura o pensamento dialético como forma de composição crítica do romance. A partir da relação entre as personagens, das sequências de ações e do desenvolvimento dos acontecimentos da narrativa, as contradições da vida aparecem e, assim, a arte consegue despertar a consciência crítica sobre a relação entre ser humano e mundo, a qual também é, por si, contraditória. Assim, observando o mundo dialeticamente, com o contraste de expressões opostas, chega-se a uma síntese, uma conclusão sobre a condição humana.

No entanto, se um romance se limita a uma descrição dos fatos, a personagens unicamente genéricos ou individualizados, ele não é capaz de exprimir a totalidade para o leitor, pois com a tipicidade dos personagens via narração, vive-se com eles, mas com a descrição, apenas observa-se, logo o leitor permanece no plano da superfície. Não se chega à essência se apenas a aparência é o foco do romance; logo, as contradições do mundo e o ser-assim das coisas não levam o leitor ao pensamento crítico em relação à sociedade.

Segundo Lukács (1965, p. 50), “o contraste entre o participar e o observar não é casual, pois deriva da posição de princípio assumida pelo escritor, em face da vida, em face dos grandes problemas da sociedade, e não do mero emprego de um diverso método de representar determinado conteúdo ou parte de conteúdo”. Com isso, ele exprime que é uma escolha do escritor optar por um método que permitirá a tomada de consciência crítica de seu leitor (o realista) ou por um que manterá o romance no plano da aparência para ser um objeto de contemplação estética, com representação parcial ou nenhuma da totalidade da vida. Desse modo, urge que os romancistas realmente preocupados com os destinos humanos se aliem ao método artístico realista, articulando a tipicidade, a narração e a representação dialética, a fim de expressar o ser-assim das coisas e possibilitar ao leitor a emancipação crítica. Unindo esses fatores na composição de um romance, uma obra realista é consolidada.

CONFIGURAÇÃO DO REALISMO EM *OS SUPRIDORES*

Apresentados os pontos característicos do realismo sob a ótica lukacsiana, cabe-nos refletir se a obra *Os supridores* abarca esses pontos e pode, então, ser encarada enquanto realista. Neste romance brasileiro, José Falero (2020) apresenta um lado latente da periferia de Porto Alegre, marcado por injustiça social. Colocando um pouco de suas vivências no texto, não enquanto relato pessoal, mas como a representação de um contexto corrente na cidade que ambienta a narrativa, o qual se estende para todo o Brasil, Falero tematiza a exclusão social, tráfico de drogas, exploração no trabalho e violência urbana, de maneira que estabelece uma relação próxima entre literatura e sociedade (Bernardes; Canedo, 2024).

Na perspectiva do realismo, nos cabe investigar a construção de personagens típicos, bem como a adoção do método narrativo para transparecer a essência humana, o ser-assim das coisas e a realidade contraditória. Posto isso, focaremos a análise na composição do protagonista do romance, Pedro, que nos parece um ser individualizado que, concomitantemente, representa um coletivo. Em seguida, nos empenhamos no resgate de momentos específicos ou sequências narrativas em que a construção da obra leva à reflexão e tomada de consciência do leitor. Percebidos estes aspectos, teremos articulado os conceitos de Lukács que definem o romance realista.

PEDRO: UM PERSONAGEM TÍPICO

Para entendermos se Pedro se configura enquanto um personagem típico do romance em análise, precisamos enfocar aquilo que o caracteriza como um ser particular, mas também aquilo que aparece nele como uma representação de um coletivo no meio social (Frederico, 2013, p. 106). Se em

Pedro for possível identificar ambos os tipos de características, teremos a tipicidade devidamente contemplada por José Falero em *Os supridores* (2020).

Inicialmente, voltemo-nos para a identificação individual, isto é, para o que caracteriza Pedro especificamente, o que o faz ser único ou destacável em relação à mera representação de uma classe. Apesar de não ser apresentada a trajetória de Pedro para se constituir enquanto um leitor assíduo, nem serem feitas referências a um momento em que se aproximou mais da leitura, um dos pontos principais sobre este personagem no romance é seu letramento crítico e seu gosto pelos livros (tanto literários quanto filosóficos), e suas leituras se manifestam em diferentes momentos de diálogos com seu melhor amigo, Marques. Pedro reconhece nos livros uma fonte de conhecimento de mundo e de vida: “– Bah, mano, eu bebo num monte de fonte. Eu tenho uma pá de mestre. A maioria deles já morreu faz tempo, só que eu posso navegar na alma deles, lendo o que eles escrevero. [...]” (Falero, 2020, p. 59). A referência aos escritores que lê enquanto mestres não é aleatória, pois para ele é como um processo de formação – e emancipação – tanto de si quanto de quem o acompanha.

Enquanto se aprofunda em suas leituras, Pedro também tem muito a ensinar, e seu principal discípulo nessa jornada é seu companheiro Marques. Assim como Pedro, Marques percebe as injustiças e desigualdades do mundo, mas nem sempre reflete sobre suas causas. Dessa forma, por meio das conversas entre ambos, Pedro desempenha um papel fundamental no processo de tomada de consciência de seu amigo:

— Sabe, tu consegue perceber que tu tem uma vida fodida, assim como eu também tenho uma vida fodida, enquanto outras pessoa por aí tão jogando dinheiro pra cima. Tu percebe isso, *mas não consegue entender o verdadeiro motivo de as coisa ser assim*. Daí, tu acaba acreditando numa coisa que simplesmente não existe, mas que a maioria das pessoa acredita que existe: meritocracia. [...] Tu passa a vida te perguntando onde foi que tu errou, o que é que tu fez errado. Mas, quando eu abro a minha maldita boca e começo a falar, *eu te mostro o mundo de outro ângulo*. Não é verdade? Eu te dou um vilão pra tu poder mandar o teu ódio na direção correta. (Falero, 2020, p. 57-58, grifo nosso)

Por isso, Pedro assume uma postura de mestre em relação ao amigo, apresentando a este o que ele mesmo teve que aprender e pode, agora, ensinar. Contudo, ele não toma uma posição de superioridade sobre Marques, de modo que reconhece que ele próprio tem sempre o que aprender, estabelecendo-se uma relação dialógica do conhecimento.

Outro aspecto marcante que constitui Pedro são as referências culturais que este faz em suas falas, e aqui nos referimos não só à literatura, mas também à música, por exemplo. Em uma conversa com Marques, Pedro comparava sua situação de vida e trabalho com a de um rapaz que viu na rua, com a mesma idade que ele, mas em um outro padrão de riqueza. Ao refletir sobre a cena, diz: “– [...] Aposto, e não perco que eu posso fazer *qualquer* coisa melhor do que aquele cara, porque, mano, eu sou uma flor que nasceu num lixão” (Falero, 2020, p. 181). Neste trecho, há uma referência implícita aos versos “Onde estiver, seja lá como for / Tenha fé, porque até no lixão nasce flor”, da música “Vida loka I”, do maior grupo de rap brasileiro, Racionais MC’s (2002), a qual remete a assuntos como a violência e a injustiça constantemente presentes na realidade do país.

Além desse trecho, temos também outro momento de diálogo em que a referência a uma música aparece:

— Ó: sempre toma cuidado quando for fazer essa mão, Marques — advertiu Pedro. — “Tem dedo de seta adoidado, todos eles a fim de entregar os irmãos.” Marques, que não era muito fã de samba, não tomou conhecimento de que o colega fazia uma citação, mas captou a mensagem. (Falero, 2020, p. 44)

O samba em questão é “Malandragem dá um tempo”, de Bezerra da Silva (2004), e aqui já temos uma citação direta, destacada entre aspas, que recupera os versos da música. Portanto, reforça-se a característica, em Pedro, de um rapaz interessado e engajado na arte e na cultura brasileiras.

Ao mesmo tempo, há ainda a referência a uma obra literária estrangeira, que aparece inclusive como um bordão do personagem. A expressão “*très bien*” aparece em falas de Pedro ao longo do

livro, sendo uma expressa recuperação de um personagem de romances de mistério e suspense da escritora Agatha Christie, o detetive Hercule Poirot: “– Très bien! - foi a resposta de Pedro, que tinha lido muito das aventuras de Hercule Poirot. Por algum motivo, Marques detestava ouvir o amigo usando aquela expressão” (Falero, 2020, p. 83).

Essa expressão, ademais, é utilizada para indicar uma metalinguagem ao final de *Os supridores*. Após uma trágica operação do grupo de tráfico de Pedro, ele é preso e, ao interagir com um companheiro do presídio, este questiona por que Pedro não se torna escritor. Encantado com a ideia, ele toma iniciativa e passa a escrever, então chegamos ao último trecho do romance em interação com o narrador: “E se tu, leitor, estiveres lendo isto, *très bien*. É porque Pedro conseguiu escrever tudo o que desejava” (Falero, 2020, p. 301). Em função do bordão característico deste personagem, é possível apreender que Pedro figura como protagonista, mas é também quem escreveu a sua própria história.

Após destacadas as características que configuram Pedro enquanto um ser singular, nos interessa ressaltar a representação que este personagem faz de um coletivo que o próprio romance determina como “a classe social que mantinha a merda do país funcionando.” (Falero, 2020, p. 23). Pedro é um jovem da periferia cuja família, há gerações, carrega o legado da pobreza. Sua realidade é marcada por um ambiente de moradia intencionalmente excludente e por um trabalho que se configura como um espaço de exploração.

O fator geracional é algo marcante no contexto do Brasil, em que a ascensão social é dificultada ou quase impossibilitada para aqueles que estão na base da pirâmide social. Logo no início do romance temos os questionamentos de Pedro, pela ótica do narrador onisciente:

Seus bisavós tinham sido pobres a vida inteira, seus avós tinham sido pobres a vida inteira, seus pais tinham sido pobres a vida inteira: até onde iria isso? Se era verdade que a riqueza, ou pelo menos a vida digna, podia ser alcançada com muito trabalho e dedicação, então o que estava acontecendo? [...] Todos os seus ancestrais tinham trabalhado muito ao longo da vida, tinham pertencido à classe social que mantinha a merda do país funcionando, e se sempre foram pobres, era porque devia haver alguma coisa errada... (Falero, 2020, p. 23-24)

Esse contexto remete à falácia da meritocracia, que alinha o sucesso de uma pessoa unicamente à sua dedicação e esforço próprios, ignorando completamente as implicações sociais, históricas e econômicas envolvidas no processo. Desse modo, a classe social representada é aquela que, embora tenha já se desgastado com tamanho trabalho, esforçando-se para sobreviver, permanece no mesmo ponto de pobreza e marginalização.

Por fim, podemos atrelar Pedro a outro grupo, associado ao primeiro: o de jovens que se alinham ao tráfico com expectativa de mudar sua vida para melhor. O tráfico está associado a uma dimensão do trabalho que promove um movimento de capital muito mais elevado do que o trabalho formal e legal, tornando-se ainda mais atrativo para um enriquecimento imediato (Costa; Mendes; Guedes, 2021, p. 7-9). Assim, se Pedro já estava saturado de trabalhar tanto e viver com pouco, o tráfico aparece para ele como uma forma de trabalho que será realmente compensatória de seus esforços. Ele é ciente de que não é uma forma legal de enriquecimento, porém se ancora no fato de que seus ancestrais viveram na legalidade e não saíram desta condição de pobreza e exclusão, por isso o tráfico, para ele, seria uma mudança no destino colocado sobre ele. Essa decisão reflete a escolha de muitos jovens das periferias brasileiras, com pouca expectativa de ascensão em um sistema falaciosamente meritocrático.

O SER-ASSIM DAS COISAS E AS CONTRADIÇÕES HUMANAS

Para além da tipicidade de Pedro, nos interessa perceber em *Os supridores* a maneira como o método narrativo é utilizado em favor de explorar as contradições da realidade e fazer perceber os destinos humanos (Lukács, 1965, p. 66). Em primeira instância, como já colocamos anteriormente, Pedro é um personagem com grande consciência de classe e se esforça para que seu amigo, Marques, também entenda a lógica de exclusão do mundo. Porém, apesar de seu engajamento político, o protagonista não possui nenhuma pretensão de tentar combater esse sistema já consolidado.

O personagem, então, sabe que sendo um mundo injusto e propositalmente excludente, ele não tem formas eficazes de combatê-lo, já que uma mudança deste aspecto implicaria em mudar toda

a lógica do sistema capitalista. Então, apesar de entender e criticar tal lógica, Pedro não tem interesse em mudá-la estruturalmente, apenas em buscar formas de se favorecer para que ela deixe de afetá-lo também, para que ele consiga contorná-la.

Além disso, outro ponto de atenção é a posição do personagem em relação ao seu esquema de tráfico. No início, Pedro propõe a Marques a venda de maconha para que consigam ganhar dinheiro mais fácil e mais rápido e, à medida que começam a enriquecer, ele aumenta a proposta para eles comecem a vender a droga dentro do próprio supermercado onde trabalham, pois dessa maneira venderão em maior quantidade, com preço maior e mais rapidamente. Essa segunda atitude está pautada numa justificativa: enriquecendo mais rápido, eles poderão sair do tráfico mais cedo, pois terão acumulado dinheiro suficiente para conseguirem uma mudança efetiva da qualidade de vida.

Porém, após tomarem essa decisão e comecem a, efetivamente, ganhar mais dinheiro, o cenário parece mudar, uma vez que “Uma das coisas mais difíceis neste mundo, sem dúvida, é consentir em parar de ganhar dinheiro. Mil, dois mil, três mil: quanto mais se ganha, mais se quer ganhar. [...]” (Falero, 2020, p. 236). Pedro deseja parar de vender maconha após conquistar estabilidade suficiente para sair do supermercado e se capacitar para ter um emprego melhor, mas quanto mais dinheiro ganha, menor é seu desejo de parar. Nessa circunstância, o grupo de tráfico não interrompeu suas vendas ilegais até que fosse tarde demais para recuperar algo que o dinheiro que conquistaram não poderia pagar: a vida de um dos companheiros. Desse modo, ainda que Pedro seja um grande crítico da lógica capitalista, que fetichiza o ser humano e a mercadoria e faz crescer nele a busca pelo poder (o capital), ele é também sujeito desse sistema, de modo que está influenciado por ele. Percebemos, assim, uma realidade contraditória em que são postos em questão a ilegalidade pelo enriquecimento e o escolher não mais enriquecer pela legalidade.

Esse movimento dialético permite que o leitor navegue por diferentes perspectivas em relação a um único cenário: o que faz com que a ilegalidade seja uma opção? Por que o caminho convencional (pautado no discurso meritocrático, no “fazer por merecer”) é desproporcional em diferentes contextos sociais? Por que não é simples sair da ilegalidade após desfrutar do que ela proporciona em um curto espaço de tempo? Pela sequência narrativa, são dadas interpretações que podem levar o leitor a responder a essas perguntas, pois é como transparece a essência do mundo no romance.

Além disso, por meio dos diálogos entre Pedro e Marques, por vezes exageradamente didáticos, mas ainda muito preciosos para a composição do romance, os mecanismos de organização da vida social são escancarados e questionados. Com o desenvolvimento de conversas profundas e complexas entre os amigos, envolve-se o leitor na tomada de consciência dos destinos humanos. Dessa maneira, ao mostrar a Marques os meandros da lógica do mundo, Pedro também leva o leitor à reflexão, em trechos como:

— [...] É assim que o mundo foi ajeitado. *Ajeitado*, entendeu? *Ajeitado*. [...]. E eu te garanto que as pessoas que *ajeitaram* o mundo assim como tá tinha milhões — esfregou o polegar e o indicador, em sinal de dinheiro —, *milhões* de motivo pra querer que o mundo ficasse *ajeitado* exatamente assim como tá. [...] De algum jeito, eu não sei como, fizeram as pessoa acreditar que tá tudo certo. Fizeram as pessoa acreditar que o mundo é assim mesmo. Fizeram as pessoa acreditar que tudo isso é natural, como a chuva ou o vento. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo não existe desde sempre. Fizeram as pessoa esquecer que todo esse mecanismo precisou ser planejado nos mínimo detalhe. E repito: pode ter certeza que não foi um pé-rapado que nem eu ou que nem tu que planejou isso tudo. (Falero, 2020, p. 50)

A partir de conversas como essa, as implicações da condição humana transparecem, de modo que o leitor passa pelo processo de tomada de consciência pelas próprias contradições da sociedade expressas na narrativa. Em trechos como esse, volta-se uma crítica ao fato de a exclusão social ser um projeto de interesse daqueles que detêm maior concentração de poder. Assim, a manutenção do poder de classes dominantes é possibilitada, e é de interesse desse projeto que as classes subalternizadas não saibam sobre e nem questionem esse mecanismo (Spivak, 2010, p. 55).

Ainda mais marcante em relação ao método narrativo está a sequência de acontecimentos que leva ao fim do romance. A trajetória do grupo de tráfico que Pedro toma à frente foi, por muito tempo, tranquila, marcada por um início cuidadoso pelo medo do errado e desconhecido, seguida por aumento das vendas e dos lucros e pelo fim da vontade de largar o tráfico. No entanto, o caos se instala pela guerra territorial (e pessoal) travada entre a equipe e outro grupo de tráfico que passa a dominar a região e, por fim, as consequências recaem diretamente sobre Pedro, que acaba encarcerado por ser pego pela polícia com armas, drogas e um carro roubado. Apesar de ser um desfecho triste para o leitor que se afeiçoa ao grupo e ao personagem, é um movimento necessário para que a narrativa se mantenha verossímil. Este é mais um contexto que nos permite refletir, ao longo do romance, quanto ao ser-assim das coisas, a como está posta a lógica de funcionamento do mundo, bem como quanto ao que acontece com aqueles que tentam, de alguma forma, transgredi-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelo realismo enquanto método para composição do romance está diretamente ligada à postura que seu autor assume em relação ao mundo e à literatura (Lukács, 1965, p. 80). Ao optar por narrar as ações humanas, em vez de apenas descrevê-las; ao caracterizar personagens de maneira singular e, ao mesmo tempo, coletiva, em vez de apenas torná-los caricatos; ao exprimir a essência do mundo e fazer transparecer os mecanismos e sistemas que organizam a lógica de exclusão, exploração e desigualdade; ao articular esses aspectos em um romance, seu escritor está decidindo contribuir para que a literatura tenha, a partir de seu caráter estético, uma propriedade significativa de transformar o leitor. É isso o que caracteriza, para Lukács, a verdadeira arte.

Em *Os supridores*, José Falero (2020) articula todos os pontos essenciais que Lukács determina em relação à constituição de um romance realista. A partir da breve leitura realizada neste trabalho, percebemos Pedro enquanto um grande fã da leitura e do conhecimento, um mestre para seu amigo-discípulo, Marques, e um jovem que expressa sua cultura; ao mesmo tempo, este personagem é uma figura simbólica da “classe social que mantinha a merda do país funcionando” (Falero, 2020, p. 23), a classe trabalhadora da periferia urbana, bem como da geração de jovens que veem o tráfico como uma opção de trabalho que trará mais dignidade financeira a eles, ainda que sendo um crime no Brasil.

Além disso, por meio do método narrativo, o romance desenvolve temáticas como a violência urbana, a desigualdade e exclusão social, o tráfico como opção de trabalho, entre outras. Com foco nas ações humanas, transparece ao leitor as reflexões sobre a lógica de organização do mundo, sobre os projetos políticos que implicam na concentração de poder das classes dominantes e na pouca possibilidade de ascensão econômica das minorias sociais.

Portanto, nessa perspectiva analítica, este estudo nos indica que é possível perceber *Os supridores* enquanto um romance capaz de fazer o leitor perceber a essência humana e o ser-assim das coisas por meio do método realista. Além disso, abre portas para um estudo mais aprofundado que pode contribuir para esse ponto de vista, refletindo como a literatura contemporânea tem contemplado esse método de composição da arte.

REFERÊNCIAS

- BERNARDES, Letícia de Araújo; CANEDO, Rogério Max. A exclusão social em *Os supridores*, de José Falero. **Claraboia**, Jacarezinho/PR, n. 22, p. 75-87, jul./dez. 2024. Disponível em: <https://seer.uenp.edu.br/index.php/claraboia/article/view/1542>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- BEZERRA DA SILVA. **O partido alto do samba**. RCA Records, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória. Forma e materialidade histórica. In: BORDINI, Maria da Glória. (org.). **Lukács e a literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 33-60.
- BOSI, Alfredo. O realismo. In: _____. **História concisa da literatura brasileira**. 37^a ed. São Paulo: Cultrix, 2000. p. 163-259.
- BRAGA, Maria. Arte e humanização na *Estética* de Lukács. In: ROSA, Daniele dos Santos (org.). **O realismo e a sua atualidade: literatura e modernidade periférica**. São Paulo: Outras Expressões, 2018. p. 45-54.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira; GUEDES, Ítalo de Oliveira. Juventude brasileira e o trabalho no tráfico de drogas: pauperização, precarização e superexploração. **Gerais, Rev. Interinst. Psicol.**, Belo Horizonte, v. 14, p. 1-24, dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.36298/gerais202114e18452>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202021000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 jan. 2025.

FALERO, José. **Os supridores**. São Paulo: Todavia, 2020.

FREDERICO, Celso. **A arte no mundo dos homens**: o itinerário de Lukács. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LUKÁCS, Gyorgy. Narrar ou descrever. In: _____. **Ensaios sobre literatura**. Trad. Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Editora civilização brasileira S.A., 1965. p. 43-94.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: prosa 1. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

PERRONE, Cláudia. Lukács: a imitação da vida. In: BORDINI, Maria da Glória. (org.). **Lukács e a literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 13-30.

RACIONAIS Mc'S. **Nada como um dia após o outro dia**. Cosa Nostra, 2002.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TOLSTÓI, Lev. **Anna Kariênina**. São Paulo: Editora 34, 2021.

ZOLA, Émile. **Naná**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.